



Somos todos iguais? Religião e renda no Censo 2010

We are all equals? Religion and income in 2010 Censu's

Mauro Meirelles*
Daniel Alves**

Resumo

Este artigo discute a tese há muito defendida nas Ciências Sociais de que haveria um predileção dos pentecostais pelos pobres. Em outro tempo, houve mesmo e fez parte de seu processo constituinte enquanto uma religião recente que precisava encontrar espaço para se expandir nos grandes centros urbanos. Contudo, com o passar dos anos, essa predileção foi mudando e o pentecostalismo adentrou o interior de outros estratos sociais de renda, ganhando espaço e força. O cuidado com os mais pobres, daqueles que percebem rendimentos inferiores a 1 salário-mínimo, não foi deixado de lado, e ganhou espaço em seus templos o atendimento a indivíduos que se situam nos estratos de renda que vão de 1 a 2 salários-mínimos, além de outros, mais abastados. A Igreja Católica, por sua vez, ao mesmo tempo que via seus fiéis saindo pela porta de suas Igrejas, investiu nesse segmento, os pobres, e tomou para si o lido para com estes. Dez anos se passaram desde o Censo de 2000 e, hoje, olhando para os dados da contagem censitária de 2011, torna-se praticamente impossível diferenciar, no que se refere à sua distribuição nos diferentes estratos de renda, católicos e pentecostais.

Palavras-chave: Censo de 2010. Religião. Renda. Pentecostalismo. Catolicismo.

Abstract

This article examines and discusses the preference of Pentecostals for individuals of low income. The author affirms that such preference was true some time ago, but it has changed nowadays. Some years ago this new religion needed to find its space in large urban centers. However, through the years, their predilection for people with low income started changing and as the Pentecostalism got space and strength it started to move to others incomes population, mainly to the higher ones. Though, the assistance to that population whose incomes range below 12 minimum salaries per year wasn't left aside, their assistance gained spaces in the temples. Not only low income got assistance but it was also provided to the ones who receive incomes around 12 to 24 minimum salaries per year. The Catholic Church, for its part, as it saw its faithful leaving the churches, it started to invest in the poor segment of society, by given them spiritual assistance. After ten years of the last census in 2000, looking at the new data released in 2011, it becomes quite impossible to make a difference in the distribution of Catholics and Pentecostals in different income strata.

Key words: Census 2010. Religion. Income. Pentecostalism. Catholicism.

Artigo recebido em 15 de outubro de 2012 e aprovado em 12 de novembro de 2012.

* Doutor em Antropologia Social, Mestre em Educação e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador ligado ao Núcleo de Estudos da Religião (NER/UFRGS). País de origem: Brasil. E-mail: mauromeirelles@me.com.

** Doutor pelo PPGAS/UFRGS. Professor Adjunto do Departamento de História e Ciências Sociais do Campus Catalão, da Universidade Federal de Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: danalves1978@yahoo.com.br.

Introdução

Algumas convicções sobre as religiões no Brasil merecem ser problematizadas à luz dos dados do Censo Demográfico de 2010 e de sua eventual comparação com os dados do penúltimo levantamento oficial de dados estatísticos, a saber, o Censo Demográfico de 2000. De acordo com os dados coletados em 2010, recentemente divulgados, tornou-se impossível sustentar o argumento segundo o qual o pentecostalismo atrai mais fiéis entre as faixas de renda menos elevadas. Em termos comparativos, há menos diferenças de renda entre a população total e o conjunto das populações católica e pentecostal do que discrepância de níveis salariais entre população total e a que se declarou espírita.

A relação entre o fenômeno sociológico do crescimento pentecostal e sua relação com a pobreza são continuamente debatidos. Consideramos, seguindo pistas de vários autores que revisaram a bibliografia pertinente, como, por exemplo, Almeida (2009, p. 41-45), que a primeira chave de interpretação para esse fenômeno baseou-se em um funcionalismo calcado no conceito de anomia. A passagem para o pentecostalismo seria, nessa visão, como um amortecimento em fase de crise, marcada pela pobreza e a migração populacional em direção às grandes cidades.

Em um primeiro momento, até a década de 1970, os sociólogos da religião procuraram interpretar qual é o sentido geral do crescimento da efervescência pentecostal na América Latina. As discussões teóricas, em termos gerais, foram influenciadas por teorias da modernização inspiradas em leituras da obra de Émile Durkheim e Max Weber, em especial por Weber (2004) e, em menor medida, pelo “marxismo dominante” na academia nos anos 1960 e 70. A princípio, perguntava-se qual era o papel do pentecostalismo diante dos dilemas do subdesenvolvimento, se teria um papel modernizante das relações sociais como teve um dia o protestantismo histórico ou era apenas um elemento de reforço e acomodação das ideologias capitalistas nas camadas mais pobres (a origem norte-americana do

movimento reforçava essa tese). Até hoje, as explicações em termos de falta (de racionalidade, modernização ou secularismo) ou de desequilíbrio (provocado pela desigualdade entre ricos e pobres, potencializada pelo êxodo rural) são utilizadas para dar conta do crescimento pentecostal entre os estratos sociais mais pobres da população¹.

A intensificação dos estudos de caso em comunidades pentecostais fez com que as teses centrais fossem relativizadas. Por um lado, verificou-se que era difícil enquadrar o fenômeno nas dicotomias teóricas correntes. A racionalização das relações sociais não implicaria, necessariamente, desenvolvimento em direção a uma sociedade liberal, podendo, inclusive, reforçar laços familiares e tradicionais. O surgimento do neopentecostalismo brasileiro, no fim dos anos 1970 (especialmente da Igreja Universal do Reino de Deus), como uma “terceira onda” pentecostal (FREESTON, 1994), fez surgir também uma onda de novos objetos para dentro da teoria que se estende até o presente momento. As relações entre religião, mídia e política (CORTEN, 1997), assim como a tensão criada no campo religioso pelos agentes religiosos neopentecostais, entre eles, citemos, Oro (1997), foram incorporados como temas de importância pelos cientistas sociais da religião.

A relação entre pentecostalismo e pobreza também continuou sendo discutida. Mariano (2005, p. 12), mencionando dados da pesquisa “Novo Nascimento”, do Instituto Superior de Estudos da Religião, realizada em meados de 1990, aponta que “comparadas às da população em geral, a renda e a escolaridade dos pentecostais são muito inferiores”. É certo, também, que a realidade brasileira nesses 10 anos que separam um censo do outro mudou, que os mais pobres tiveram algum incremento de renda através de um aumento real da renda por esses percebida ou de sua inclusão em programas e políticas de governo voltadas a geração de renda, e isso não questionamos. O que colocamos em discussão é a tese que afirma haver, historicamente, certa predileção dos pentecostais pelos pobres – quando se compara a distribuição de renda nacional e

¹ As limitações desse modelo tradicional de análise foram expostas por Algranti (2009) e Robbins (2004).

das outras religiões com aqueles dados relativos ao segmento pentecostal – e que, hoje, essa tese, frente a uma análise comparativa dos últimos dois Censos Demográficos, de 2000 e 2010, não mais se sustenta pois, como veremos ao longo do texto, quando verificados os níveis de renda, a discrepância entre dados nacionais e dos pentecostais torna-se de difícil sustentação.

Alguns dados revelados pelo Censo de 2010 já eram projetados na comunidade dos que estudam religião no Brasil há alguns anos. O decréscimo do número de católicos, em face do aumento do número de evangélicos e dos que se consideram sem religião, sempre foi considerado pelos analistas como algo esperado (FREESTON, 2010). Todavia, alguns elementos novos surgiram na amostra do censo, que provavelmente serão objeto de investigação nos próximos anos. Os dados sinalizam, a nosso ver, o aumento da fragmentação no meio evangélico², além de levantar aspectos ainda não refletidos sobre renda e distribuição espacial das religiões. Algumas dessas considerações podem ser relevantes para a análise de dados nos estados. Tomamos os casos dos estados de Goiás e do Rio Grande do Sul, na medida em que eles podem ser relevantes para pesquisas futuras nas quais estamos envolvidos.

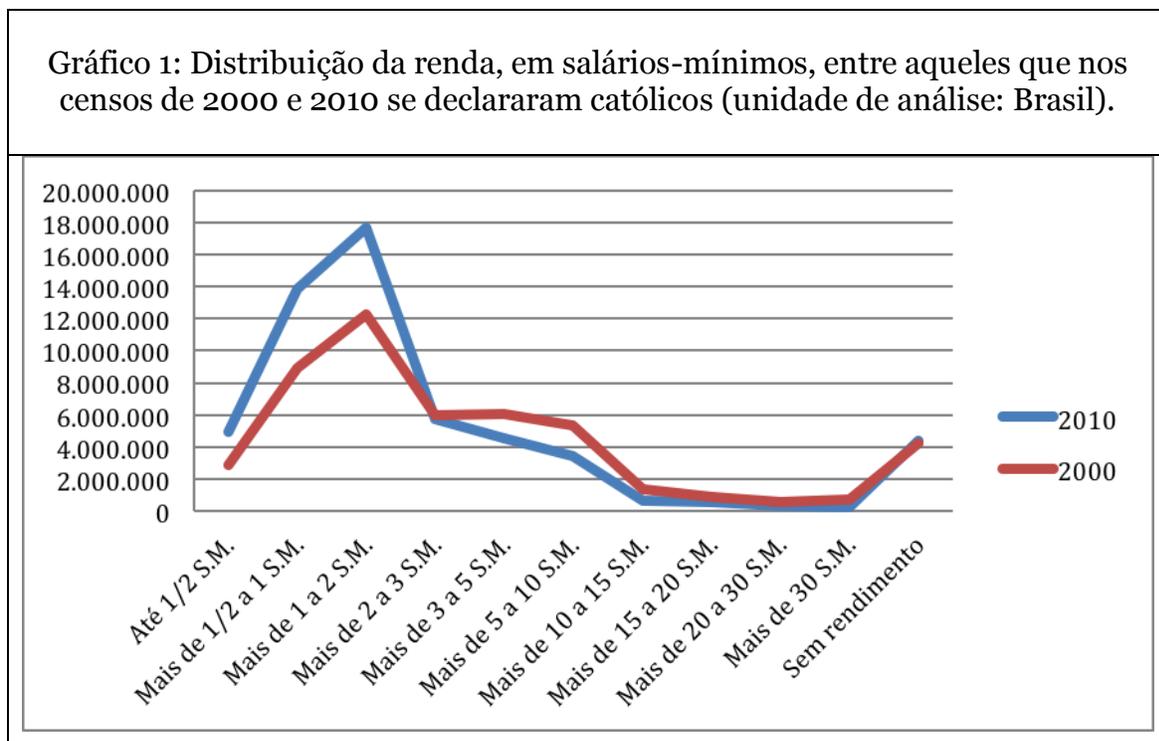
1 Algumas considerações de escopo nacional

No âmbito nacional, os dados do Censo de 2010 mostram que, cada vez mais, o perfil socioeconômico daqueles que pertencem às igrejas de origem pentecostal se aproxima do perfil que tradicionalmente teve o catolicismo e que, mantidas as respectivas proporções entre elas, sua distribuição normal, quando plotada em um gráfico, não possibilita distinguir qual curva representa católicos ou pentecostais. Comparamos os perfis de renda observados no Censo de 2000 com os do Censo de 2010. Apesar de o salário-mínimo ter passado de R\$ 151,00 em 2000 para R\$ 510,00 em 2010, o número de indivíduos que percebem dividendos de 1 a

² Ver Alves (2012).

2 salários-mínimos aumentou significativamente tanto entre católicos como entre aqueles de origem pentecostal.

No que se refere aos católicos, apesar de o número de indivíduos que recebem até dois salários-mínimos ter aumentado cerca de 50%, passando de aproximadamente 12 milhões de pessoas em 2000 para quase 18 milhões em 2010, entre aqueles que se encontram nos estratos mais abastados o que se observa é uma queda gradual em seu perfil de renda, em especial entre aqueles que ganham entre 3 e 15 salários-mínimos, estrato no qual essa queda é mais brusca, como mostra o Gráfico 1, abaixo.

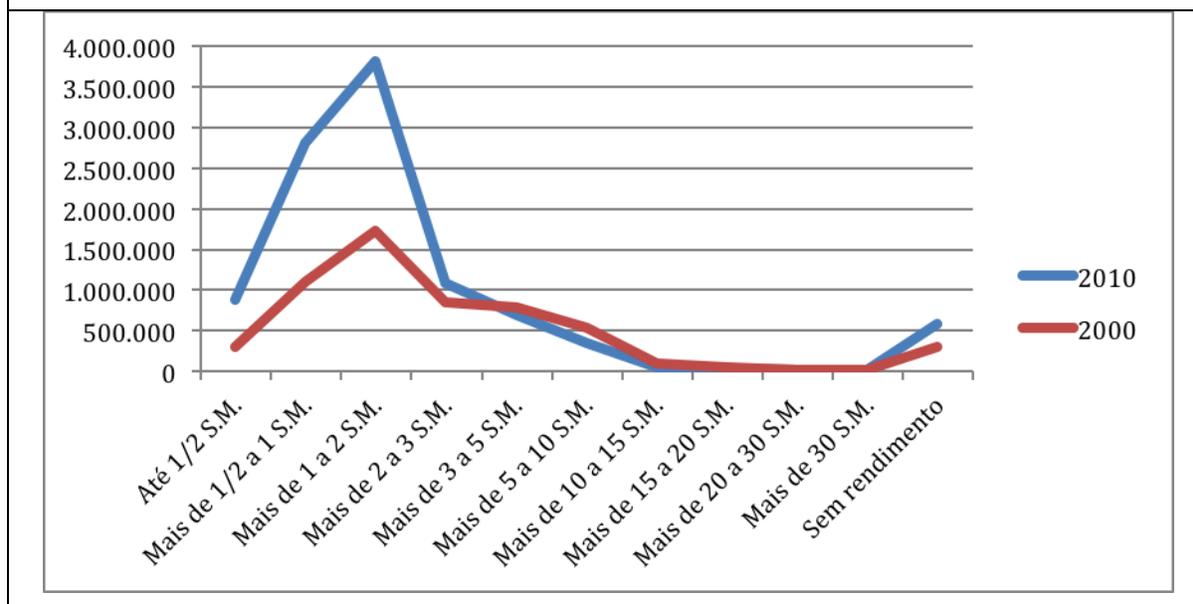


Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

Em relação ao segmento de origem pentecostal, como mostra o Gráfico 2, a curva de renda segue o mesmo padrão com uma pequena diferença em relação aos católicos, qual seja, que a curva ascendente de renda entre aqueles que ganham de 1 a 2 salários-mínimos é bem mais acentuada e que, avesso ao crescimento católico, estes mais que dobraram o número daqueles que se encontram nesse segmento de

renda, passando dos cerca de 1,8 milhões de pessoas que percebiam tal renda no Censo de 2000 para pouco mais de 3,8 milhões em 2012, o que denota um crescimento de 105% no número daqueles que, hoje, em relação a 2010, passam a compor esse segmento.

Gráfico 2: Distribuição da renda, em salários-mínimos, entre aqueles que nos censos de 2000 e 2010 se declararam de origem pentecostal (unidade de análise: Brasil).



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

Outra questão interessante que deve ser tratada reside no fato de que praticamente não houve pauperização de outros estratos situados em outros segmentos que percebem uma maior renda, como ocorre entre os católicos. Tal constatação, além de denotar certa aproximação entre os perfis de renda daqueles que compõem o segmento católico e de origem pentecostal e colocar em questão a “opção” do pentecostalismo pelos pobres, também, de certa forma, aponta os caminhos que, pelo menos no âmbito nacional, seguem o trânsito religioso brasileiro, de modo que, comparando-se as curvas ascendentes de renda apresentadas nos gráficos 1 e 2 em relação ao ano de 2010 com aquelas relativas ao

ano de 2000, vê-se que, pelo menos visualmente, o rumo daqueles que deixam o catolicismo é o mesmo que baliza o crescimento do segmento pentecostal, assim, além de ganhar novos fiéis a cada contagem censitária, não apresentam em seu interior alterações significativas nos diferentes estratos de renda, mantendo, de um censo para o outro, uma mesma performance e curva de distribuição de renda entre seus fiéis.

Tabela 1: Comparativo entre o número daqueles que se declararam católicos e pentecostais, por estrato de renda, em salários-mínimos, nas contagens censitárias de 2000 e 2010, no Brasil

Estrato de renda	Católicos			Pentecostais		
	2010	2000	Saldo 1	2010	2000	Saldo 2
Até 1/2 S.M.	4.948.923	2.854.893	2.094.030	880.025	312.283	567.742
De 1/2 a 1 S.M.	13.891.871	8.952.843	4.939.028	2.811.546	1.111.558	1.699.988
De 1 a 2 S.M.	17.715.805	12.263.132	5.452.673	3.809.450	1.732.769	2.076.681
De 2 a 3 S.M.	5.794.205	6.001.839	-207.634	1.083.734	857.398	226.336
De 3 a 5 S.M.	4.553.364	6.063.724	-1.510.360	688.772	789.163	-100.391
De 5 a 10 S.M.	3.432.601	5.300.654	-1.868.053	352.524	543.259	-190.735
De 10 a 15 S.M.	663.637	1.348.324	-684.687	45.952	97.149	-51.197
De 15 a 20 S.M.	541.509	881.727	-340.218	29.853	50.378	-20.525
De 20 a 30 S.M.	302.265	507.695	-205.430	13.715	22.165	-8.450
Mais de 30 S.M.	207.284	706.867	-499.583	9.691	27.653	-17.962
Sem rendimento	4.366.282	4.199.366	166.916	579.241	311.215	268.026
SUBTOTAL	56.419.756	49.083.064	7.336.692	10.306.513	5.856.990	4.449.523

Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

* Saldo positivo indica ganho de fiéis no estrato de renda.

** Saldo negativo indica perda de fiéis no estrato de renda.

Isso fica ainda mais evidente quando olhamos os números absolutos, estes apresentados na Tabela 1, onde se percebe que o crescimento pentecostal e a manutenção de sua performance e perfil de distribuição de renda está diretamente atrelada às perdas de fiéis sofridas pelo catolicismo, de modo que o número de fiéis

que deixam o catolicismo é praticamente igual ao número daqueles que, de 2000 para 2010, passaram a ser contabilizados entre aqueles que compõem o segmento religioso de origem pentecostal.

Tabela 2: Comparativo das taxas de crescimento do número daqueles que se declararam católicos e pentecostais, por estrato de renda, em salários-mínimos, nas contagens censitárias de 2000 e 2010, no Brasil

Estrato de renda	Taxa de crescimento católico	Taxa de crescimento pentecostal
Até 1/2 S.M.	42,3	64,5
Mais de 1/2 a 1 S.M.	35,6	60,5
Mais de 1 a 2 S.M.	30,8	54,5
Mais de 2 a 3 S.M.	-3,6	20,9
Mais de 3 a 5 S.M.	-33,2	-14,6
Mais de 5 a 10 S.M.	-54,4	-54,1
Mais de 10 a 15 S.M.	-103,2	-111,4
Mais de 15 a 20 S.M.	-62,8	-68,8
Mais de 20 a 30 S.M.	-68,0	-61,6
Mais de 30 S.M.	-241,0	-185,3
Sem rendimento	3,8	46,3

Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

* Taxas positivas de crescimento indicam ganho de fiéis no estrato de renda.

** Taxas negativas de crescimento indicam perda de fiéis no estrato de renda.

Além disso, no que se refere à fragmentação do segmento católico e de origem pentecostal, os dados apresentados na Tabela 2 mostram que:

- a) nos dois primeiros estratos de renda, daqueles que ganham até 2 salários-mínimos, foi o pentecostalismo que obteve maior crescimento percentual, mas que, apesar disso, é o catolicismo que, em números absolutos, obtém maior crescimento, evidenciando uma maior predileção

deste por aqueles que estão nos estratos mais inferiores de renda, uma vez que neste o crescimento do número de fiéis é quatro vezes maior (da ordem de 12 milhões de fiéis) do que aquele observado entre os pentecostais (da ordem de 3 milhões de fiéis);

- b) dentre aqueles que ganham entre 2 e 3 salários-mínimos foi entre os pentecostais que houve grande crescimento, indicando a existência de uma curva ascendente que denota um aumento da renda média do fiel pentecostal no interior do próprio segmento, sendo que, entre os católicos, nenhum crescimento se observou nesse estrato de renda, de modo que, estes, inclusive, perderam fiéis;
- c) ainda no que se refere ao estrato de renda que está entre os 2 e 3 salários-mínimos, os 3,6% de perda de fiéis do catolicismo correspondem a pouco menos que os 20,9% de ganho do número de fiéis constatado entre os pentecostais, como mostram os números destacados em negrito na Tabela 1;
- d) entre aqueles que percebem rendimentos entre 3 e 5 salários-mínimos, em ambos os casos, houve um decréscimo do número de fiéis, mas que, também, será o catolicismo que contabilizará as maiores perdas de fiéis nesse estrato de renda, sendo que, em termos percentuais, isso corresponde a uma perda entre os católicos que é pouco mais de duas vezes maior que aquela observada entre os pentecostais;
- e) nos segmentos de renda superiores a 5 salários-mínimos, a saber, aqueles que percebem rendimentos entre 5 e 10 salários-mínimos, 10 a 15 salários-mínimos e 15 a 20 salários-mínimos, as perdas do número de fiéis em cada um desses estratos são praticamente as mesmas, sendo estas entre os pentecostais muitas vezes superiores às observadas entre os católicos, contudo, nunca superiores a cerca de 10% daquela observada no outro segmento;
- f) entre aqueles que percebem rendimentos entre 20 e 30 salários-mínimos foram os católicos que contabilizaram as maiores perdas, sendo estas em torno de 10% maiores do que aquelas observadas entre os pentecostais;

- g) no estrato mais alto de renda, daqueles que têm proventos superiores a 30 salários-mínimos, apesar das perdas do número de fiéis serem grandes e superiores às aquelas observadas nos outros estratos de renda – o que implica uma redução de 60% a 80% do número de fiéis que se situam nesse estrato – será o catolicismo que contabilizará as maiores perdas, estas, em termos percentuais, superiores em 30% às aquelas observadas entre os pentecostais;
- h) apesar de o crescimento percentual do número de fiéis pentecostais que se situam entre aqueles que se declararam sem rendimento ser cerca de 12 vezes maior do que aquele observado entre os católicos, em números absolutos, esse crescimento mostra-se bem menor, uma vez que os 3,6% de crescimento observado entre os católicos correspondem a pouco mais de 166 mil fiéis, ao passo que entre os pentecostais esses 46,3% contabilizam pouco mais de 268 mil fiéis, ou seja, uma diferença de pouco mais de 100 mil fiéis entre ambos; e, por fim,
- i) ainda no que tange ao item anterior, se contabilizados apenas os números absolutos da contagem censitária realizada em 2010, o número de fiéis católicos situados no estrato de renda considerado sem rendimento é cerca de 7,5 maior do que aquele contabilizado entre os pentecostais.

Disso se conclui que, no âmbito nacional, apesar de o desempenho de ambos os segmentos mostrar certas congruências no que se refere à perda e ganho de fiéis nos diferentes estratos de renda em termos percentuais, será o catolicismo que, em números absolutos, apresentará uma maior predileção pelos estratos sociais situados nas menores faixas de renda.

A isso se agrega que, entre aqueles que se situam em estratos mais elevados de renda, também será o catolicismo que contabilizará as maiores perdas. Resta saber, como veremos nos itens seguintes, se, quando reduzimos a unidade de nossa análise para os estados do Rio Grande do Sul e Goiás, assim como para suas

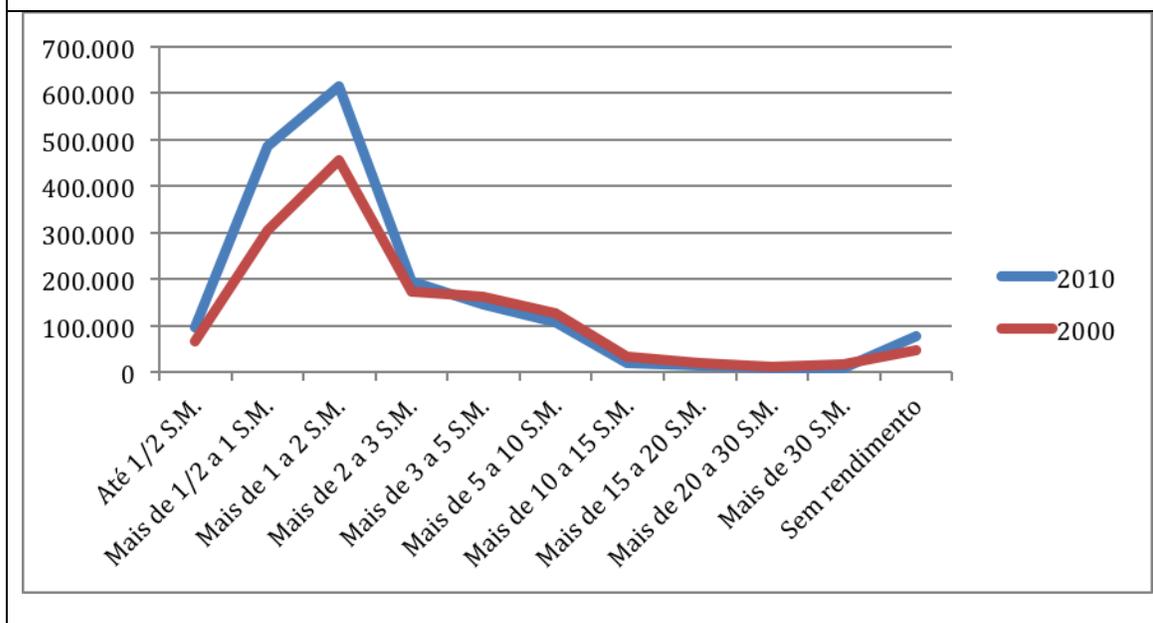
referidas capitais, a saber, Porto Alegre e Goiânia, essa predileção dos católicos pelos mais pobres se mantém.

2 O Caso do Estado de Goiás

No que se refere ao estado de Goiás, movimento semelhante àquele observado no âmbito nacional em relação aos católicos se faz presente. Contudo, a variação entre os pontos distais para cada um dos anos em que foram realizadas as contagens censitárias de 2000 e 2010 é menor do que aquela observada para o país, na medida em que, no estrato em que se situam aqueles que percebem rendimentos de 1 a 2 salários-mínimos, esse crescimento é da ordem de 30% de acréscimo no número de fiéis no caso dessa unidade da Federação, que, em 2000 contava com cerca de 457 mil fiéis e que, em 2010, passou a contabilizar pouco mais de 614 mil fiéis, enquanto que no âmbito nacional esse crescimento no referido estrato foi da ordem de 50%, como vimos.

Outro ponto de destaque reside no fato de que, também nos estratos de maior renda, pouca ou nenhuma variação se observou, de modo que os acréscimos e as perdas no número de fiéis no estado de Goiás não seguem, em grande medida, a tendência nacional, mantendo-se relativamente estáveis nas duas contagens censitárias com as quais nos ocupamos aqui, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição da renda, em salários-mínimos, entre aqueles que nos censos de 2000 e 2010 se declararam católicos (unidade de análise: Goiás).



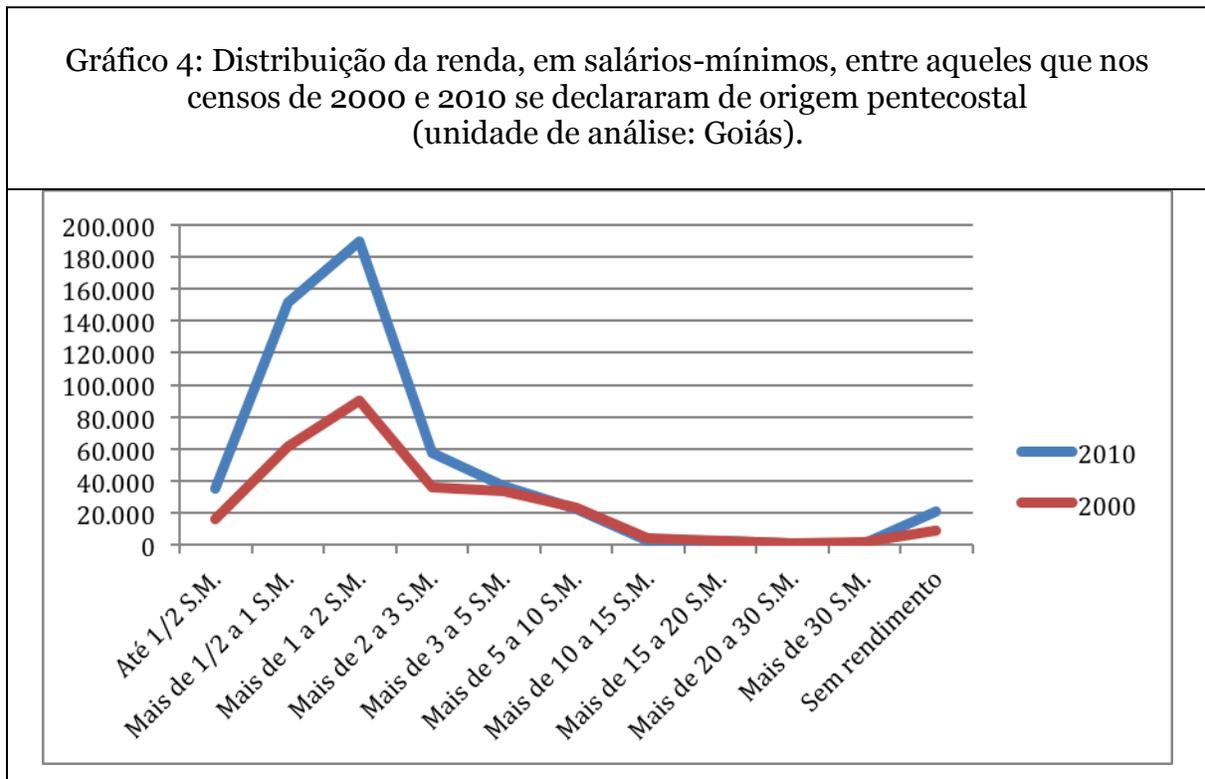
Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

No caso do segmento pentecostal, a tendência nacional também se faz presente nos estratos de renda mais baixos. Entre aqueles que percebem rendimentos da ordem de 1 a 2 salários-mínimos, o crescimento observado é praticamente o mesmo. Já no que se refere ao estrato imediatamente posterior, daqueles que percebem proventos da ordem de 2 a 3 salários-mínimos, seu crescimento no estado de Goiás é duas vezes maior, em termos percentuais, do que aquele observado para esse segmento no âmbito nacional.

Ainda na direção do exposto, vale destacar que, nos estratos mais altos de renda, a saber, daqueles que percebem rendimentos da ordem de 3 a 5 salários-mínimos, de 5 a 10 salários-mínimos, de 10 a 15 salários-mínimos, de 15 a 20 salários-mínimos, de 20 a 30 salários-mínimos e, também, daqueles com renda superior a 30 salários-mínimos, praticamente não houve redução ou crescimento significativo e estes mantiveram uma distribuição normal bastante parecida nas duas contagens censitárias, de modo que poucas foram as perdas e os ganhos que

separam esses dez anos entre uma contagem e outra, como mostra o Gráfico 4, no qual as linhas estão sobrepostas.

E, por fim, no que se refere àqueles que se declararam sem rendimento nas duas contagens censitárias, os pentecostais, a exemplo do observado em âmbito nacional seguem padrões equivalentes de crescimento no estado de Goiás, enquanto que nesse estrato específico o crescimento católico, foi menor do que o observado para o Brasil no mesmo período.



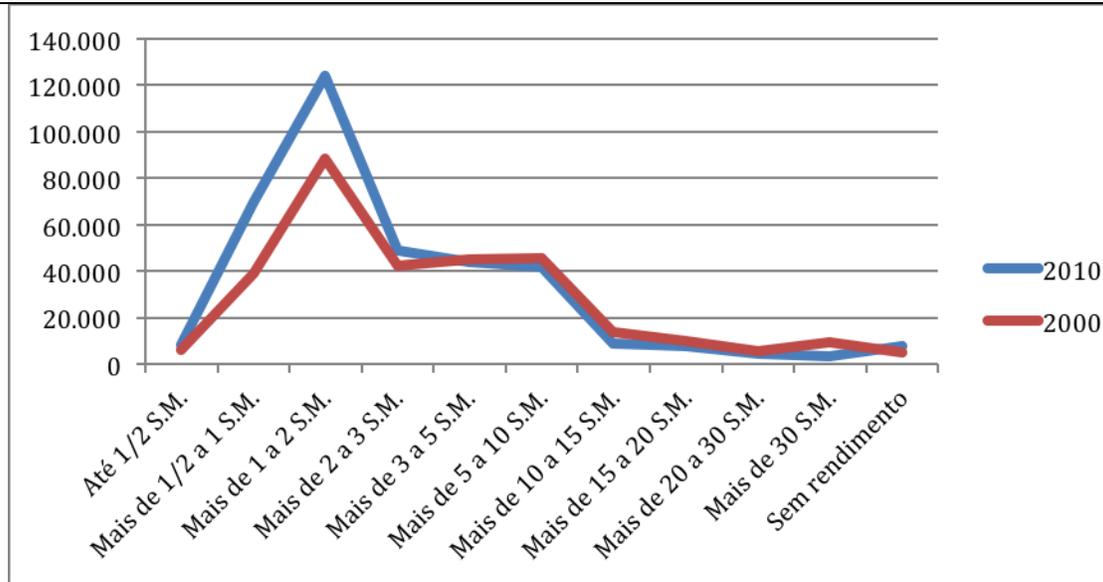
Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

Disso se conclui que, a exemplo do observado em âmbito nacional, onde, em termos percentuais, há um maior crescimento do segmento pentecostal nos estratos que percebem menor renda, em números absolutos, a predileção pelos pobres é mais acentuada, também, entre os católicos.

2.1 Goiânia e a tese da predileção pelos pobres

A exemplo do estado de Goiás, Goiânia apresenta padrão de crescimento do número de fiéis situados no estrato de renda de 1 a 2 salários-mínimos, qual seja, de um aumento de cerca de 30% do número absoluto de fiéis que se situam nesse estrato. Já no que tange ao estrato de renda imediatamente posterior, daqueles que percebem rendimentos da ordem de 2 a 3 salários-mínimos, observa-se um leve crescimento, de pouco mais de 10%, do número absoluto de fiéis católicos que nesse estrato têm assento. Por sua vez, no que se refere aos estratos mais altos de renda, estes, novamente seguem a tendência nacional e contabilizam, em sua maioria, nas duas contagens censitárias com as quais nos ocupamos, pequenas perdas no número de fiéis ligados a esse segmento, como mostra o Gráfico 5.

Gráfico 5: Distribuição da renda, em salários-mínimos, entre aqueles que nos censos de 2000 e 2010 se declararam católicos (unidade de análise: Goiânia).

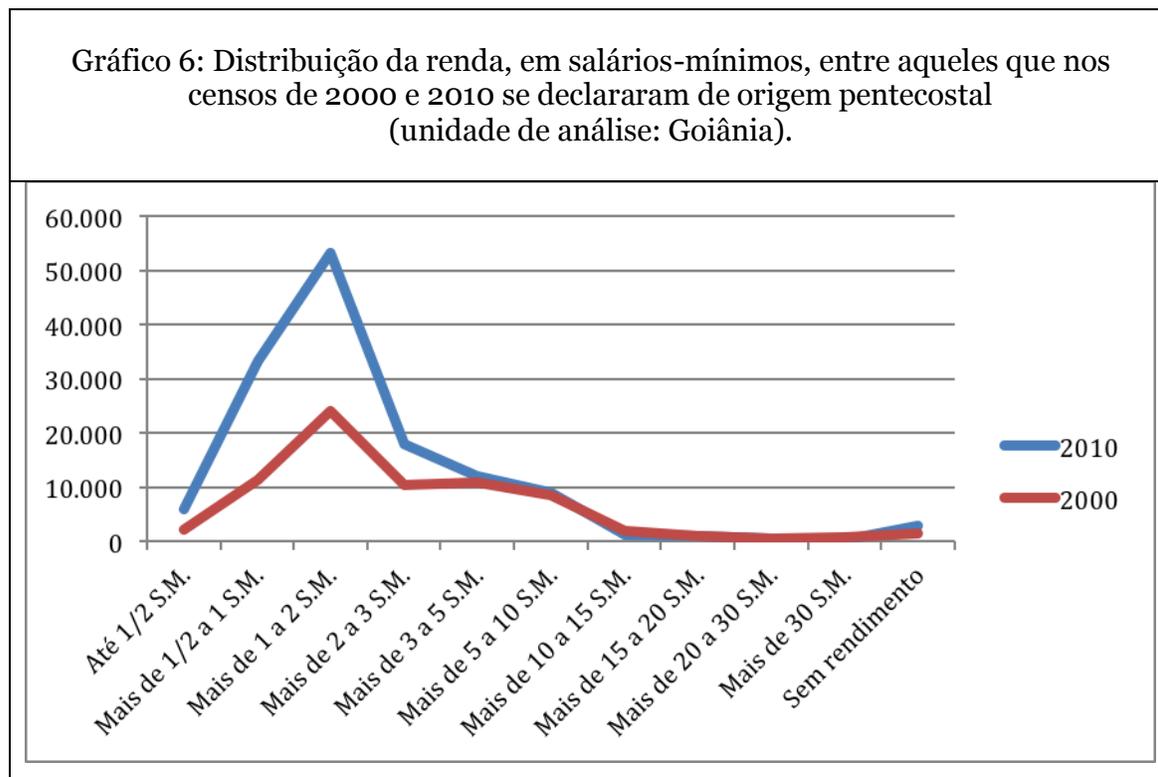


Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

Já no Gráfico 6, no qual se mostra o desempenho dos pentecostais da cidade de Goiânia no que se refere as contagens censitárias de 2000 e 2010, a curva mostra-se quase como um espelho daquela relativa ao estado de Goiás, de modo que todas as considerações tecidas acerca do referido estado reverberam e encontram assento garantido em Goiânia, sua capital. Entretanto, dois destaques se mostram pertinentes, quais sejam:

a) Apesar de todos os estratos de renda situados acima de 3 salários-mínimos apresentarem redução, é notório que, à medida que aumentam os patamares de renda, maior é redução do número de fiéis que neles se situam; e

b) Apesar de percentualmente a predileção por aqueles situados nos estratos parecer estar com os pentecostais, como mostra o final da curva, que ascende levemente, em números absolutos, como em casos anteriores, será entre os católicos que se contabilizará um maior número de fiéis situados nesse estrato específico de renda.

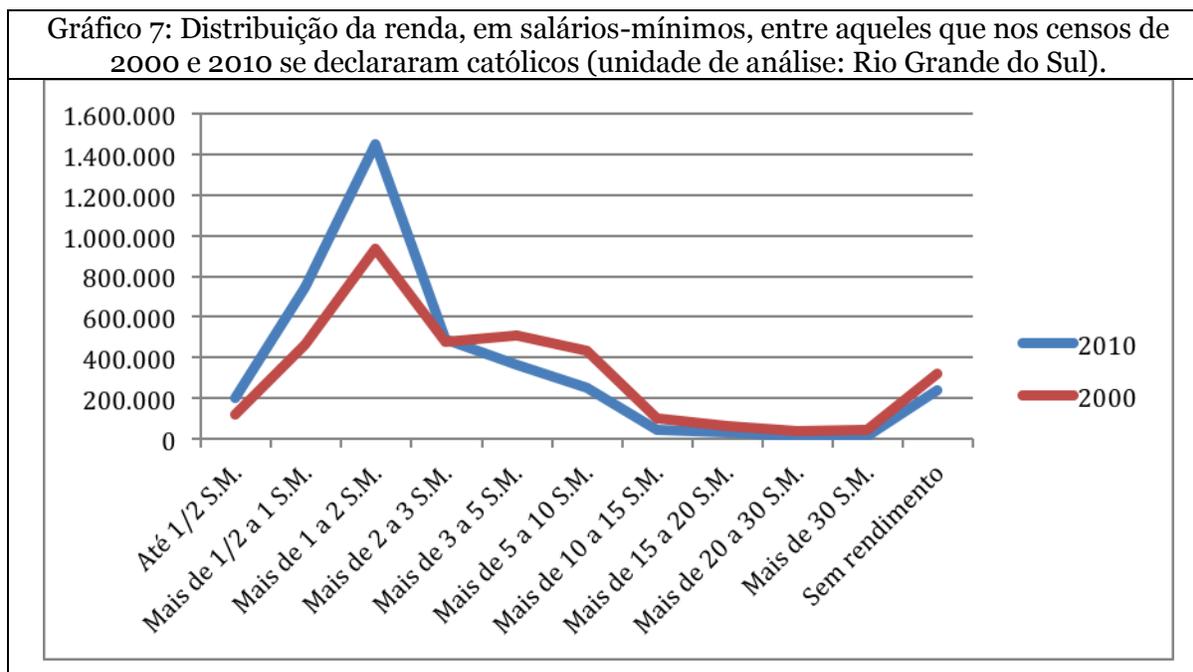


Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

3 O Caso do Estado do Rio Grande do Sul

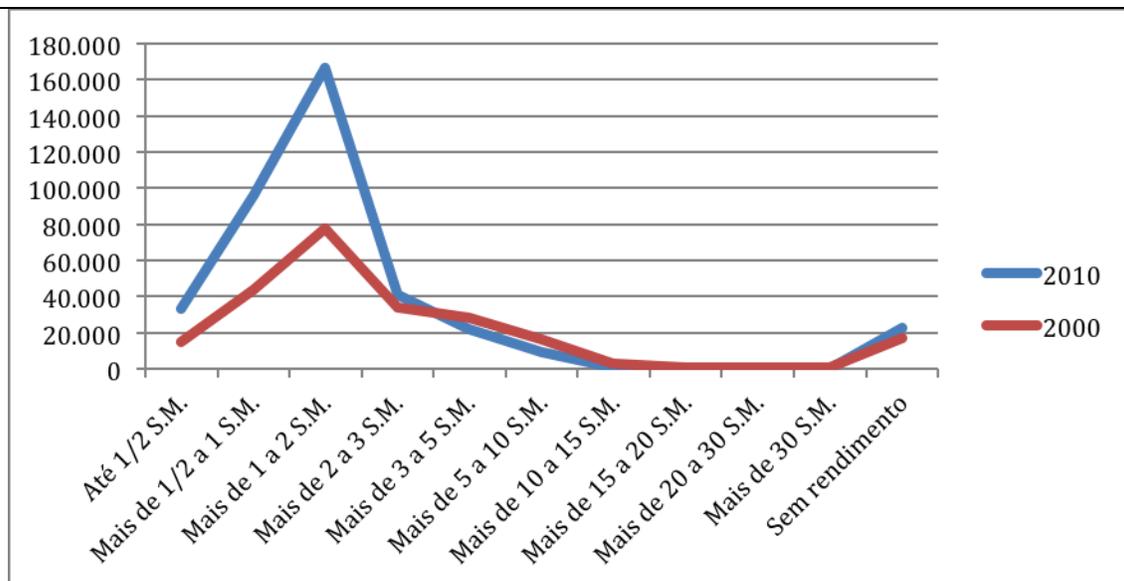
Diferentemente do caso de Goiás, o Rio Grande do Sul, guardadas as devidas proporções, espelha, entre os católicos, a constatação relativa ao país, qual seja, de um crescimento ascendente do número de católicos que se situam no estrato de renda de 1 a 2 salários-mínimos, de uma queda do número de fiéis situados nos estratos que vão de 2 a 3 salários-mínimos, de 3 a 5 salários-mínimos, de 5 a 10 salários-mínimos e de 10 a 15 salários-mínimos, e, ainda, de pequena redução no número daqueles que se situam nos estratos mais altos de renda, inclusive entre aqueles que se declararam sem rendimento nas contagens censitárias de 2000 e 2010.

Interessa destacar, contudo, que, apesar das curvas de distribuição de renda no Rio Grande do Sul espelharem o cenário nacional, e, guardadas as devidas proporções, há no Rio Grande do Sul, como no caso do Brasil, uma tendência à pauperização dos segmentos mais abastados, como mostram os Gráficos 7 e 8, nos quais, a exemplo daquilo observado no cenário nacional, tal tendência se faz presente no interior do segmento pentecostal, só que, neste, menos acentuada que aquela percebida entre os católicos.



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

Gráfico 8: Distribuição da renda, em salários-mínimos, entre aqueles que nos censos de 2000 e 2010 se declararam de origem pentecostal (unidade de análise: Rio Grande do Sul).



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

No que se refere ao segmento pentecostal, novamente, a tendência nacional se faz presente e a distribuição normal observada no estado do Rio Grande do Sul tende a espelhar os resultados observados no país. Todavia, com vistas a evitar repetições, não adentramos os pormenores e a análise de cada um dos estratos de renda, uma vez que, estes, no âmbito estadual, reproduzem o comportamento observado em território nacional.

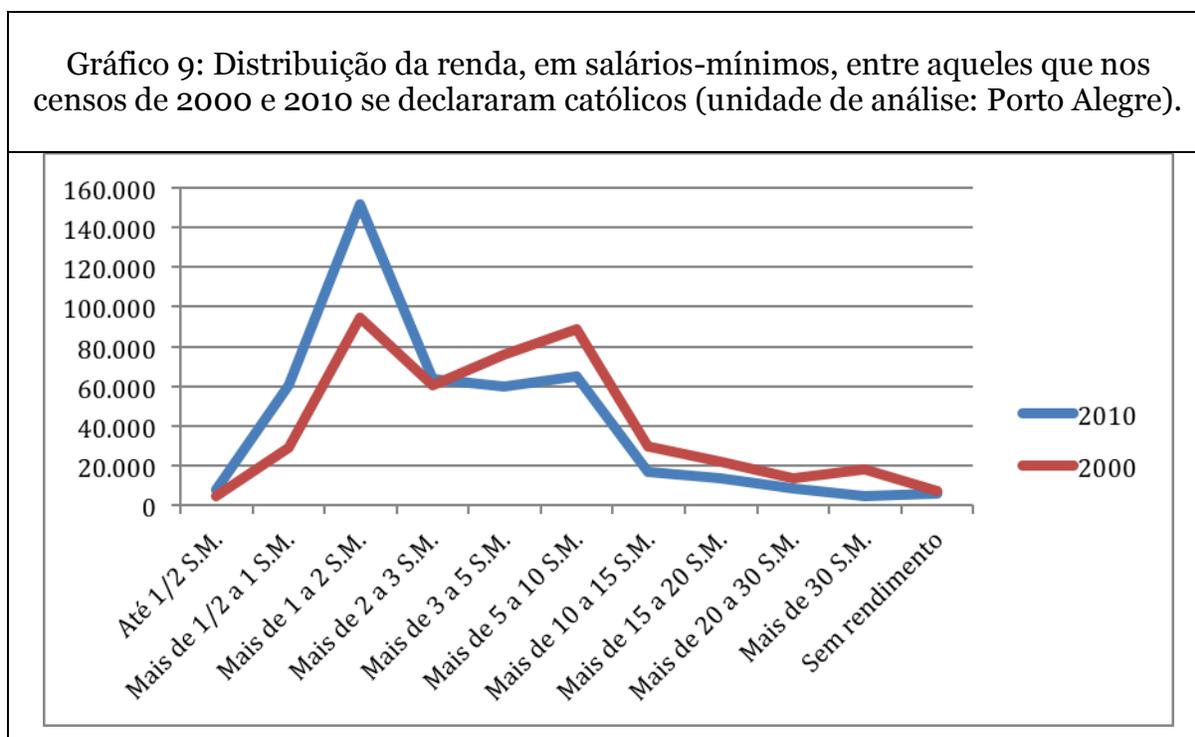
Contudo, interessa-nos apenas destacar que, no Rio Grande do Sul, o crescimento do estrato de renda em que se situam aqueles que percebem rendimentos na faixa de 1 a 2 salários-mínimos é cerca de 20% maior, em termos percentuais, do que aquele correspondente ao mesmo segmento no país e, também que, em números absolutos, seu crescimento é bem maior do que aquele observado entre os católicos no estado, como se pode perceber comparando as linhas de desempenho apresentadas nos gráficos 7 e 8, que o crescimento do número absoluto de fiéis, quando comparado apenas a esse estrato de renda, é cerca de

duas vezes maior – de 110% – entre os pentecostais do que entre os católicos, onde esse crescimento percentual é da ordem de 51%.

Isso posto, novamente, faz-se, aqui, evidente aquilo constatado no decorrer de todo o artigo, isto é, que no estado do Rio Grande do Sul a predileção católica pelos mais pobres também se faz presente. E na capital dos gaúchos, isso também ocorre? Vejamos, pois é com ela que encerramos nossa análise e passamos às considerações finais.

3.1 Porto Alegre e a tese de predileção pelos pobres

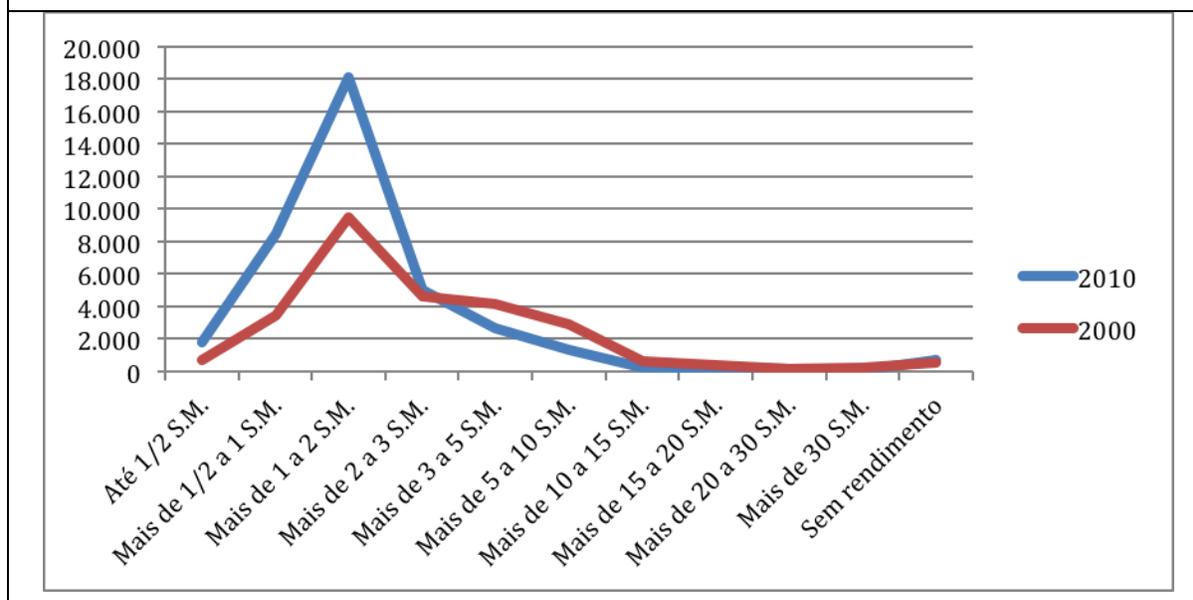
No que se refere a Porto Alegre, mais do que no país, no estado de Goiás e em sua capital, Goiânia, o processo de pauperização dos estratos de renda mais abastados se faz presente, ao ponto de, visualmente, “descolar-se” na contagem de 2010 dos valores observados para esse mesmo segmento no Censo de 2000, como mostra o Gráfico 9.



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

Ainda nesse sentido, é latente em Porto Alegre o mesmo crescimento do estrato de renda situado na faixa de 1 a 2 salários-mínimos, o qual segue, nesse caso específico, mais do que nos outros, a tendência nacional e estadual apontada nos itens anteriores deste artigo. É evidente, contudo, que esses fiéis estão se deslocando de um segmento para outro, mas, nesse caso, ao que parece, isso não ocorre em Porto Alegre como no resto do país e, também, no estado de Goiás e em sua capital, como mostra o Gráfico 10, com o qual nos ocuparemos em nossa análise antes de encerrarmos este item.

Gráfico 10: Distribuição da renda, em salários-mínimos, entre aqueles que nos censos de 2000 e 2010 se declararam de origem pentecostal (unidade de análise: Porto Alegre).



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE Censo 2000 (Tabela 1489) e Censo 2010 (Tabela 3459).

No que se refere especificamente ao apresentado no Gráfico 10, apesar de os dados apontarem certo trânsito entre os segmentos católico e pentecostal, onde as perdas de fiéis do primeiro servem para encher as fileiras do segundo, constatação essa que se faz presente em todas as análises feitas até aqui, ao que parece, no caso de Porto Alegre, essa relação não se mostra tão mecânica assim. O que queremos

dizer com isso é que, no caso de Porto Alegre, o que se observa vai além do constatado no interior desses dois segmentos, de modo que, apesar de em alguns casos essa relação ser quase mecânica, em outros, como é o caso da referida cidade, ela não o é.

Nesse sentido, uma possível explicação para esse movimento de esvaziamento dos setores médios tanto do catolicismo como do pentecostalismo que, nos gráficos 9 e 10 é representado por uma curva descendente que, no caso de Goiás e Goiânia era preenchida por aqueles que saíam do catolicismo e no pentecostalismo tomavam assento, no caso de Porto Alegre, isso não ocorre, e tanto a fileira de católicos quanto a de pentecostais “desgarrados” têm migrado para outros segmentos religiosos não em voga neste artigo, colocando em evidência uma nova predileção do segmento pentecostal.

Contudo, esse novo segmento pentecostal, que surge com o censo de 2010, é formado pelos chamados evangélicos pentecostais não determinados, os quais estão fora do jugo das grandes denominações institucionalizadas. Estes, compostos por um sem-número de ministérios, pastorados e apostolados que, em Porto Alegre, totalizam mais de 400, já têm um público-alvo definido e estes, sorratamente, têm disputado e levado para suas fileiras aqueles que, oriundos do catolicismo, não encontram assento entre os pentecostais mais tradicionais dos grandes templos e acabam por, nesses pequenos ministérios, pastorados e apostolados tomar lugar.

Isso posto, destaca-se, então, que, apesar daqueles que se situam nos estratos de renda entre os 2 e 3 salários-mínimos não serem, no caso de Porto Alegre, muito afeitos ao pentecostalismo tradicional, e que aqueles que estão, também, nos estratos de renda de 3 a 5 salários-mínimos, de 5 a 10 salários-mínimos e de 10 a 15 salários-mínimos nestes não encontrarem assento, será entre esses outros pentecostais, os chamados “não determinados”, que encontram assento.

E, com isso, encerramos este item e passamos às considerações finais, colocando em voga o que também apontam os dados, isto é, que também entre os mais pobres, ou seja, entre aqueles que se situam no estrato de renda de 1 a 2 salários-mínimos, há, também, uma maior predileção do catolicismo para com estes.

Considerações finais

O que se observa nos dados relatados configura, em nosso juízo, um rearranjo demográfico relacionado à expansão do pentecostalismo na sociedade brasileira. Com tal expansão, torna-se até mesmo esperado que o perfil de renda de uma religião universalista de conversão assemelhe-se mais ao conjunto da população. Metodologicamente, tomando uma amostra bem construída e com o mesmo número de católicos e de pentecostais no Brasil, espera-se, a se fiar nos dados censitários, que não difiram muito no que tange à estrutura de distribuição de renda, nem entre si, nem com a distribuição nacional desse dado. Se amostrados espíritas, pelo contrário, podemos esperar que a diferença em relação à população nacional apareça.

Em relação ao estado de Goiás, o que se observa é uma maior presença do catolicismo do que do pentecostalismo e que, apesar de, em termos percentuais, o catolicismo ter crescido menos nos estratos inferiores, este ainda continua a ser hegemônico no estado, de modo que o mesmo é observado em Goiânia. A isso se agrega que, apesar de o catolicismo perder mais fiéis a cada dia que passa, este ainda continua a ditar as regras do jogo no campo religioso, de modo que, assim como no cenário nacional, nesse estado e em sua capital os desgarrados do catolicismo acabam por, grosso modo, encontrar assento no pentecostalismo tradicional – naquele dos grandes templos, das megaigrejas institucionalizadas –, igrejas institucionalizadas –, o qual, assim como o catolicismo, caracteriza-se por ser dotado de fortes estruturas administrativas hierárquicas e verticalizadas. Um

elemento comum a essas duas expressões religiosas, para além da característica estrutural centralista, é a abertura dada aos indivíduos que delas se aproximam para tornar a religião experiência íntima, interpretada desde um ponto de vista do mito individual³. Seja no espaço da Renovação Carismática Católica ou no Pentecostalismo, essa tônica na experiência religiosa individual representa o que há de mais dinâmico nessas religiões, em sua relação com uma sociedade que se diversifica e se destradicionaliza⁴.

Já no que tange ao estado do Rio Grande do Sul, a situação não é muito diferente e aquilo que observamos em relação ao Brasil, ao estado de Goiás e à sua capital, Goiânia, faz-se presente em menor ou maior proporção. Da mesma forma, como vimos, não mais se pode dizer que há certa predileção dos pentecostais pelos pobres, mas que, hoje, esse segmento de renda, composto por aqueles que percebem rendimentos de até 1 salário-mínimo por mês, também faz parte daqueles aos quais, hoje mais do que antes, a Igreja Católica dirige sua atenção.

Também vimos que, no Brasil, à exceção de Porto Alegre, há uma tendência de que os fiéis que saem do catolicismo passem a compor as fileiras do pentecostalismo tradicional. Contudo, em Porto Alegre, isso não se dá de modo tão mecânico e, na capital dos gaúchos, os pentecostais ligados aos pequenos ministérios, pastorados e apostolados passam a disputar, com os pentecostais tradicionais, outro filão de fiéis, qual seja, daqueles que tradicionalmente saíam do catolicismo e adentravam o pentecostalismo das grandes igrejas, mas que, agora, passam a buscar assento entre os chamados pentecostais não determinados.

³ E não mais a partir de cosmologias católicas assentadas nos códigos das promessas ao santo protetor, descrito, por exemplo, como exposto por Fernandes (1994).

⁴ Para este tema da destradicionalização, ver: Pierucci (2006), Hervieu-Léger (2008), entre muitos outros.

REFERÊNCIAS

- ALGRANTI, J. Auge, decadencia y "espectralidad" del paradigma modernizador. Viejos y nuevos problemas en el estudio del pentecostalismo en América Latina. In: STEIL, C. A.; MARTÍN, E. et al. (Ed.). **Religiones y culturas: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Biblos, 2009.
- ALMEIDA, R. D. **A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- ALVES, D. A fragmentação do campo pentecostal e o papel das instituições religiosas. Trabalho apresentado no 1º Congresso Internacional EST, São Leopoldo, 2012.
- CORTEN, A. Pentecôtisme et politique en Amérique latine. **Problèmes d'Amérique Latine**, Paris, n. 24, p. 17-32, 1997.
- FERNANDES, R. C. O peso da cruz. In: FERNANDES, R. C. **Romarias da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 127-165.
- FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et alii (Ed.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-159.
- FRESTON, P. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 12, n. 12, p. 13-30, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/16860/9918>>.
- HERVIEU-LÈGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- IBGE. **Tabela 1489 - População residente, por cor ou raça, segundo o sexo a religião (Resultados Gerais da Amostra)**. 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 05/12/2012.
- IBGE. **Tabela 3459 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo, a posição na ocupação e a categoria do emprego no trabalho principal e as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos (Resultados Gerais da Amostra)**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 05/12/2012.
- MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ORO, A. P. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá essa guerra? **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 10-36, 1997.

PIERUCCI, A. F. A religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 75, . p. 111-127, 2006.

ROBBINS, J. The Globalization of Pentecostal and Charismatic Christianity. **Annual Review of Anthropology**, v. 33, 2004. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25064848>>.

WEBER, M. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.